

“NOS ANAIS DA HISTÓRIA A FAMA NUNCA RIMA COM MULHER...¹”: memória e invisibilidade nos folhetos de cordel

Vitória Gomes de Almeida

Doutoranda em Ciência da
Informação pela Universidade
Federal da Paraíba.

E-mail:

vtoriagomesalmeida@yahoo.com.br

Izabel França de Lima

Professora Adjunta do Departamento
de Ciência da Informação e do
Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Informação da
Universidade Federal da Paraíba.
Doutora em Ciência da Informação
pela Universidade Federal de Minas
Gerais.

E-mail: belbib@gmail.com

RESUMO

Discute acerca da autoria feminina nos folhetos de cordel e seus desdobramentos para o campo da memória no âmbito da Ciência da Informação, que já teve o folheto como objeto de estudo através de vários enfoques. Compreende que a exclusão das mulheres da memória cultural por meio da historiografia oficial, faz da memória como um campo de disputa. Considera que a ideia de ser produzida por uma “cultura popular” com bases na oralidade, acaba por reforçar essa exclusão e invisibilidade, uma vez que na historiografia essa cultura é colocada como subalterna. A partir de uma revisão de literatura sobre o tema, busca colaborar na proposição de novas reflexões sobre o campo da memória e da Ciência da Informação, partindo de estudos críticos sobre o folheto, uma vez que evidencia e traz a obra de diversas cordelistas.

Palavras-chave: Autoria feminina. Memória cultural.
Poética da oralidade – Cordel.

"IN THE ANALYSIS OF HISTORY FAME NEVER
RHYME WITH WOMAN ...": MEMORY AND
INVISIBILITY ON THE CORDEL BROCHURES

ABSTRACT

It discusses the feminine authorship in the cordel leaflets and their unfoldings for the field of memory in the scope of Information Science, which already had the leaflet as an object of study through various approaches. It understands that the exclusion of women from social and cultural memory through official historiography makes memory as a field of contention. It considers that the idea of being produced by a "popular culture" based on orality, ends up reinforcing this exclusion and invisibility, since in historiography this culture is placed as subaltern. From a literature review on the subject, it seeks to collaborate in proposing new reflections on the field of memory and Information Science, starting from critical studies about

¹ Espaços de Recordação de Aleida Assmann, pág. 67.

the booklet, highlighting and bringing the work of several stringers.

Keywords: Female authorship. Cultural memory. Poetics of orality - Cordel.

1 INTRODUÇÃO

Cordel, folheto, verso, são diferentes nomes dados para uma mesma poética, que ao longo da historiografia oficial, foi apresentada em diversos estudos como sendo uma “literatura popular”, termo remetia a ideia de ser uma literatura menor, “pobre” e “primitiva”, porque realizada, criada e produzida por camadas populares sertanejas, convencionalmente tida como ágrafas.

Porém, na contramão dessa linha de pensamento, ressaltamos os novos discursos que problematizam essa ideia de primitivismo. Buscando fortalecer esse discurso crítico que reconhece sua multiplicidade, percebemos o cordel não como uma literatura, mas sim como uma poética, uma manifestação a meio caminho da oralidade e escritura, que cria ricas formas significativas, expressivas e reveladoras da existência humana, através de suas narrativas diversas, que retratam os causos, fatos e o cotidiano (MATOS, 2010, p. 17-20).

Essa poética se territorializa ganhando particularidades únicas no contexto a qual nos referimos: declamado ou cantado nas feiras, mercados e terreiros do Nordeste brasileiro, o cordel se configura como uma das manifestações fortemente presentes na história do povo nordestino, se caracterizando, como uma referência de sua cultura e identidade.

Sua expressividade, manifesta por meio da oralidade (performances e declamações de cordéis), escrita (registrada em seu suporte tradicional em papel) e mais recentemente na web (em sites, blogs e redes sociais), bem como pelo seu reconhecimento enquanto patrimônio cultural brasileiro, ainda em processo no IPHAN mas já legitimado pelos poetas e povo nordestino, o cordel se afigura como um relevante bem cultural para se pensar as questões da memória presentes em seu conteúdo, forma e produção.

Diante de tais constatações, o objetivo é trazer a discussão dessa poética da oralidade para o âmbito da Ciência da Informação, que já foi objeto de estudo no campo

por meio de vários enfoques, como da representação temática, da mediação cultural, enquanto fonte de informação e nos estudos sobre memória.

Explicita-se as intrínsecas e imbricadas relações entre informação, cultura e memória. Sendo a cultura – o conjunto dos processos sociais de significação da vida social (CANCLÍNI, 2004, p. 41), a informação vincula-se a esta duplamente: *é um elemento da cultura* por ser resultado da produção humana, e pode ser produzida, transmitida e consumida por ser *dotada de sentido* (o que acontece por meio da cultura).

Com relação à memória, o próprio ciclo da informação (produção, circulação, consumo, registro) só se torna possível através desta. Só se produz informações, através de um estoque retido pela memória e que serve como referencial para sua criação, ao passo que só existe memória ao conservar informações, ou seja, uma não pode existir sem a outra.

Ao pensarmos na oralidade, notamos ainda mais ligações com a informação (e, por conseguinte com a memória e com a cultura). Falar da voz/oralidade é falar de outro elemento da cultura, cuja prática constitui-se como uma tradição (antiga forma de comunicação cultural) que acompanham a história da humanidade.

Podemos perceber que as poéticas da oralidade se constituem como uma prática e um saber em que ocorre amplamente a socialização de informações, a produção de conhecimentos e a preservação da memória. É através dela que as informações acerca da cultura, história e identidade de grupos/comunidades são transmitidas e salvaguardadas. Além disso, por sua característica extremamente dinâmica, incorporam e refletem muito do contexto que estão inseridas.

É sob essas perspectivas que objetivamos apresentar nossas reflexões, por meio da discussão da autoria feminina no cordel. Partimos da percepção de um silenciamento e invisibilidade das mulheres na historiografia oficial, que apesar de historicamente terem contribuído na produção dessas poéticas, tiveram suas produções invisibilizadas, ora tendo que escrever sob a forma de pseudônimos, ora tendo suas produções ignoradas e legadas ao esquecimento.

A partir de uma revisão de literatura acerca do tema e de um corpus de cordéis de autoria feminina, problematizamos o discurso que invisibiliza a produção feminina, ressaltando os aspectos de lembrança e esquecimento, que fazem da memória um campo de disputa.

2 MEMÓRIA, TRADIÇÃO E DISPUTA NOS FOLHETOS DE CORDEL

Por sua multiplicidade, o estudo do cordel perpassa pesquisas acadêmicas de diversos campos, na qual se origina por meio da perspectiva de folcloristas, como Sílvio Romero no século XIX, se consolidando posteriormente no campo dos estudos literários.

Amplamente difundida com o nome de Literatura de Cordel, essa poética passa a ser assim denominada pelos estudiosos na década de 1970, ainda que pelo povo e os poetas não fossem reconhecidas por essa nomenclatura (ABREU, 2006).

Se considerarmos a etimologia do termo Literatura, perceberemos que esta é oriunda do latim *littera*, que remete a arte de escrever. Contudo, os poetas continuam a produzir suas poesias de improviso, como no modelo tradicional da cantoria sertaneja, para só então transcrevê-las para o papel (SANTOS, 2011), e nesse sentido

[...] o folheto não é um livro escrito e impresso, ele não é 'literatura' no sentido moderno da palavra, mas um produto da primeira etapa da transição da oralidade para a escrita, uma fase de oralidade mista ou segunda, no sentido em que Paul Zumthor utiliza esses conceitos nos seus estudos de literatura medieval (LEMAIRE, 2008, p. 297).

Dessa forma, o cordel no contexto nordestino “optou pelo formato poético e se apropriou de todos os códigos da cantoria para conservar as marcas da oralidade em cada verso, em todas as estrofes” (CARVALHO, 1998, p. 264), o que nos leva a considerá-la enquanto uma poética de bases orais, e não escrita.

Todavia, enquanto parte das tradições orais, essa poética sofre um duplo preconceito teórico advindo dos cânones que sobre ela teorizaram: primeiro que a caracteriza como sendo produzido por camadas populares e ágrafas, resultando numa difusão na historiografia de que essa produção seriam manifestações “primitivas” ou no máximo uma “paraliteratura” (SANTOS, 2012), ingênua, simples e pobre poeticamente. Essa concepção acaba por levar a uma posição marginalizada na conjuntura da cultura nacional, em vez que essa poética é analisada nos debates de bases escriptocêntricas, ordem sobre a qual se assentava o discurso hegemônico vigente (LEMAIRE, 2008).

Segundo, que fazendo parte de uma tradição, a ideia compartilhada é a de que essa poética deveria se manter pura e autêntica, na qual os eruditos rejeitam como impuras e desviantes, as formas e expressões do folheto que não correspondem ao modelo parado no tempo (LEMAIRE, 2010).

Em decorrência disso, a propagação de um discurso conservador na qual concebe a tradição como um vestígio do passado, e considera que todo progresso ou mudança seria um processo de dessacralização da sabedoria popular, generalizou-se na literatura e nos estudos sobre o cordel, excluindo na contemporaneidade formas variantes do cordel, que apresentam mudanças em seu conteúdo, estrutura ou em seu projeto de editoração.

Por essa razão, Schmidt (2008) ressalta que a abertura epistemológica dentro dos estudos literários, deslocado de uma perspectiva da literatura como arte ou objeto estético (produção individual pautada em critérios estéticos eruditos das belas artes), para a noção de literatura como produção estético-escritural, se situando nos domínios da cultura (produção de caráter de coletivo, ou seja, histórico-social), possibilitou conjugar saberes, novas reflexões, modelos e paradigmas, que até então eram inquestionáveis devido às amarrações inflexíveis e normativas, aqui já apresentadas.

Portanto, investigar inclusões e exclusões históricas é uma forma de trazer à visibilidade as relações com a ideologia subjacentes às estruturas que definem a natureza do literário e a função da história literária como uma grande narrativa gerada em função de escolhas políticas e não de escolhas desinteressadas ou neutras. Com isso quero dizer que o conteúdo (seleção de fatos) e estrutura (forma de sua organização) estão imbricados numa formação discursiva dominante cujos efeitos ideológicos ratificam os sentidos e os lugares sociais em que esses são produzidos. [...] se trata de [...] levantar questionamentos sobre que conhecimentos são gerados por seus *constructos* e as quais interesses servem (SCHIMIDT, 2008, p. 130).

Viabiliza-se por meio dessa abertura epistemológica, estudos críticos sobre o folheto que problematizam perspectivas que até então se faziam inquestionáveis. A exemplo, ressaltamos os estudos sobre a origem dessa poética, consolidados como resultado de uma tradição de romanceiro Ibérico que se instalou no Brasil através do colonizador português.

Acerca desse tema, Santos (2011) aponta as contradições presentes nessas colocações, uma vez que essa forma poética encontra semelhanças não somente em poéticas de origens lusitanas, mas também, em produções de bases orais de matriz africana, que apesar de terem contribuído e as influenciado, foram excluídas da historiografia oficial, assim como aconteceu com as contribuições dos indígenas e das mulheres, que no contexto brasileiro, hibridizaram e compuseram o campo da poética das vozes.

Nos estudos, quando se fala das “influências” do povo negro na criação e produção da cantoria, a análise restringe-se, mais notadamente, ao campo da voz. Acerca do folheto, texto escrito e publicado, não é mencionada a existência de nenhuma tradição negra, tal como se pode perceber em relação a José Bernardo da Silva, negro alagoano que se tornou um dos maiores editores da área e que nunca foi lembrado por sua cor, mas apenas pela tipografia que construiu, denominada São Francisco, uma das mais importantes do Nordeste. No cânone do cordel, os negros aparecem nos estudos críticos da FCRB², apenas como representação (SANTOS, 2011, p. 26-27).

Essa exclusão da historiografia oficial, de modo algum pode ser considerada como uma ação de descuido ou neutra, mas deve ser percebida como um conjunto de ações advindas dos grupos hegemônicos que a produziram intencionalmente.

Tal assertiva pode ser observada, através de um olhar sobre a história, uma vez que para se chegar à construção da nação moderna, justamente o mesmo período em que estruturam e consolidam esses estudos excludentes, o discurso vigente tinha como pressuposto os ideais burgueses de progresso e civilização, que objetivavam a integração nacional por meio da supressão das diferenças sociais e culturais (das classes populares), em que se articula um repertório de significados convenientes e desejáveis, que a história normaliza e regulariza (através da adoção de símbolos, marcos históricos e heróis nacionais, tendo na escola um meio de difusão dessa cultura nacional), fazendo com que a memória coletiva se configure tanto como lembrança quanto como esquecimento (SCHIMIDT, 2008). No caso do cordel no contexto brasileiro:

Em 1960, a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), no Rio de Janeiro, uma instituição de caráter estatal ligada ao Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro, dá início a um interessante projeto editorial voltado exclusivamente à publicação de pesquisas (Catálogo, Antologias e Estudos) sobre o folheto de cordel brasileiro. [...] Para analisar o tema os ilustres autores e colaboradores do projeto: Thiers Martins Moreira, M. Cavalcanti Proença, Orígenes Lessa, Manuel Diegues Jr e Antonio Houaiss, se basearam em pressupostos, teorias, práticas e métodos, de um lado, do pensamento tradicional brasileiro e por outro, dos quadros teóricos existentes da “coleção de textos da língua portuguesa moderna” da Casa – provenientes da filologia. Interessante nesse tópico é ressaltar que, apesar destes estudos terem se iniciado bem antes do golpe de 1964, vai coincidir com as teses ideológicas do plano global da política de integração nacional. [...] No contexto em que se publicaram essas reflexões, os estudos advindos do folclore prevaleciam, ainda, com muita

² Fundação Casa de Rui Barbosa.

força. Ela define o cordel como sendo: oral, anônimo, coletivo e impresso. (SANTOS, 2011, *online*).

Pensando nesse sentido, a memória seria uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se objetiva salvaguardar, em que se define e reforça com certo grau de consciência, os sentimentos de pertencimento (POLLACK, 1991), ou seja, a identidade dos diversos grupos que compõe a sociedade. Porém quando a pensamos como um campo de disputa entre esses diversos grupos que compõe a sociedade, poderíamos falar em enquadramento da memória, uma vez que

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. [...] Guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLACK, 1991, p. 9-10).

De forma a legitimar o controle e as modificações feitas na memória e, por conseguinte na história de determinado grupo, povo ou nação, Pollack (1991) fala que este trabalho de enquadramento produz discursos sobre acontecimentos e fatos, sendo realizado por atores profissionalizados, como os historiadores, por exemplo, na qual se solidifica em objetos materiais, como instituições do Estado, museus, arquivos, e nos bens tidos como patrimônio histórico nacional:

A memória é assim guardada e solidificada nas pedras: as pirâmides, os vestígios arqueológicos, as catedrais da Idade Média, os grandes teatros, as óperas da época burguesa do século XIX, atualmente, os edifícios dos grandes bancos. Quando vemos esses pontos de referência de uma época longínqua, frequentemente os integramos em nossos próprios sentimentos de filiação e de origem, de modo que certos elementos são progressivamente integrados num fundo cultural comum a toda a humanidade (POLLACK, 1991, p. 10-11).

Essas considerações podem ser observadas, quando pensamos no folheto e na questão de autoria feminina, em que os traços de controle, exclusão e silenciamento se materializam nos discursos, na produção intelectual de um determinado período da história, que reverberam no imaginário, nas representações e na nossa própria forma de compreender e perceber a realidade.

Diante disso, podemos nos conscientizar da importância da construção e representação do nosso passado. Nossa identidade, por exemplo, está calcada, pois, em uma interpretação duvidosa do que aconteceu ao longo destes bem mais de quinhentos anos de história. Não se permitiu, ao povo, que mostrasse sua versão sobre o processo de dominação a que fora submetido. [...] a reconstrução da nossa própria história, construir a nossa memória e, conseqüentemente, nossa identidade, compreendendo assim, a relação entre passado, presente e futuro (SAMPAIO, 2014, p. 106).

Nesse sentido que se faz extremamente necessário trazer as vozes dessas mulheres e sua contribuição nessa poética da oralidade. Para isso, traremos na próxima sessão a produção dessas mulheres, além de reflexões acerca da exclusão de sua produção da historiografia, bem como da memória.

3 PRODUÇÃO FEMININA E MEMÓRIA: REESCRITAS DA HISTÓRIA NOS FOLHETOS DE CORDEL

A história sempre foi majoritariamente, um espaço escrito e protagonizado por homens. Até bem pouco tempo, os espaços e papéis a serem desempenhados pelas mulheres, eram bem definidos e questionados por poucas, ou ainda: pelas poucas mulheres cujas vozes conseguiram se fazer ecoar nos dias de hoje, em meio a opressão e ao silenciamento que historicamente foram submetidas.

Segundo Assmann (2011), existem inúmeras maneiras eternização por meio da memória, mas a fama seria a forma mais garantida de se alcançar a imortalidade, pois significa sobreviver na lembrança das pessoas, através de histórias que aconteceram muito antes dos ouvintes terem nascido.

A autora cita os poetas gregos, reconhecidos naquela sociedade como eternizadores, pois sua função memorial glorificava aqueles que se destacavam em diferentes esferas - na política, na guerra, em competições esportivas e artísticas, mas que compartilham entre si um ponto em comum: o fato de todos serem homens.

A pólis enquanto espaço público era um espaço que não aceitava as mulheres, e que continuou não aceitando em diferentes sociedades e momentos históricos. Esse silêncio e invisibilidade na história que cerceou as mulheres por muitos séculos, explica-se então

Em primeiro lugar, porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato [...] Porque são pouco vistas, pouco se fala delas. E esta é uma segunda razão de silêncio: *o silêncio das fontes*. As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas (PERROT, 2007, p. 16, *grifo nosso*).

Para conseguir superar essa exclusão cultural, que restringia o acesso a bens econômicos, a educação e ao mercado de trabalho, muitas mulheres se viram obrigadas a fazer uso do anonimato ou de pseudônimos para realizar o desejo de publicar suas obras de poemas, contos, romances, teatro, que muitas vezes apesar de seus esforços, se perdiam nas primeiras edições e na poeira dos arquivos com o passar do tempo (DUARTE, 2009).

Se dentro dos cânones literários, a produção das mulheres já havia sido excluída de compor a memória social e cultural da nação, bem como se percebia uma lacuna nos estudos contemporâneos que buscavam recuperar a autoria feminina, essa exclusão e silenciamento, são ainda mais latentes quando pensamos no folheto, que por ser uma poética da voz e parte integrante de uma cultura popular, (SANTOS, 2011) tinha ainda menos visibilidade, por ser considerada uma cultura subalterna e inferior.

Exemplo disso pode ser visto num projeto editorial de 1973 da FCRB, intitulado *Literatura Popular em Verso*, que não faz menção a nenhum folheto de autoria feminina. No entanto em uma pesquisa recente, realizada por Francisca Pereira dos Santos, reuniu num catálogo chamado *O Livro Delas*³, 996 folhetos de cordel de 330 autoras, além de ter registrado a existência de 61 cantadoras repentistas, evidenciando que a mulher está sim presente na produção do cordel, e com uma grande contribuição.

Lucena (2010) afirma que até 1950 se tinha notícia de apenas uma cordelista, a paraibana Maria das Neves Pimentel, que para poder publicar seu folheto "*O violino do diabo ou O valor da honestidade*" no ano de 1938, teve de fazer como tantas outras mulheres: usar o pseudônimo, Altino Alagoano, para garantir que sua obra não se limitasse às gavetas ou arquivos pessoais.

³ No prelo.

Figura 1: Capa do folheto de Maria das Neves Pimentel



Fonte: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Cordel&PagFis=36523&Pesq=>

Hoje, o cordel que é conhecido por muitas vezes apresentar em seu conteúdo valores patriarcais, preconceituosos e machistas (LUCENA, 2010), encontra nos folhetos de autoria feminina, mudanças em seus conteúdos que versem sobre feminismo, desconstrução dos papéis de gênero, direito das mulheres e de LGBTQ+.

No folheto de Maria Luciene, intitulado *“Ano Nacional da Mulher: Memória e Luta”*, a cordelista aborda a história de Bertha Lutz, uma das pioneiras no movimento feminista do Brasil que atuou pelo direito a educação e voto das mulheres, bem como de outras importantes mulheres que militaram na luta por seus direitos.

Na silenciosa calma
E grande motivação
Debruço sobre este assunto
Com minha concepção
Verve do corpo poético
O lírico da inspiração

[...]

Resgatar nossa história
No folheto popular
Estimulada conquista
Congressos realizar
A mulher na ditadura
Lutou para se libertar

Outras autoras, como Jarid Arraes, carregam a arte de fazer cordel através de gerações, começando com seu avô Abrãao Batista e seu pai Hámurabi Batista, poetas e xilógrafos bastante conhecidos em Juazeiro do Norte. No entanto, sua extensa produção de folhetos⁴ se diferencia das obras de seu pai e avô, por serem folhetos militantes, que abordam o movimento de mulheres negras, a desconstrução dos papéis de gênero e sobre a violência contra a mulher. Sua produção se diferencia ainda, por produzir cordéis infantis, como em *“A menina que não queria ser princesa”*, que de maneira lúdica, desconstrói os papéis de meninas/mulheres classicamente representados em conto de fadas.

Era uma vez uma menina
Dotada de esperteza
Nascida lá no sertão
Batizada de Tereza
Era muito da danada
Arretada de brabeza

[...]

Foi que a mãe aperreada
Teve então uma clareza
Mandou trazer um livro
Com história de princesa
Segura do seu sucesso
Deu o livro pra Tereza

[...]

Por causa daquele traje
A princesa não pulava
Passava o dia cantando
E por tudo se acanhava
Não era como Tereza
Que só mais se enjoava

O livro era bem grosso
Mas nada se assucedida
Tereza se entediava
Virava-se e remexia
Até que parou de ler
Sufocada de agonia

[...]

Pois ao papai e à mamãe
Eu peço muita atenção

⁴ Escritora e cordelista, Jarid é autora de mais de cinquenta folhetos. Ver: <https://jaridarraes.com/>

Que criem meninas livres
De todo tipo de opressão
Que sejam o que quiserem
Cheias de amor no coração.

Outra cordelista que faz de sua poesia, um instrumento para o enfrentamento da opressão, misoginia, preconceito e desigualdade de gênero é Salete Maria. Advogada, professora universitária, militante e membro fundadora da Sociedade dos Cordelistas Mauditos⁵. Atua há mais de vinte anos na produção do que ela chama de “cordelário feminista e libertário”, na qual soma cordéis premiados pela Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB, além de suas poesias terem sido recitadas pela atriz Deth Haak, musicados pela cantora Socorro Lira, citados pelo jornalista Arnaldo Jabor, encomendados pelos cineastas Vagner Almeida e Orlando Pereira.

O folheto de cordel
Que o povo tanto aprecia
Do singelo menestrel
À mais nobre academia
Do macho foi monopólio
Do europeu foi espólio
Do nordestino alforria

[...]

A mulher não se atrevia
Nesse campo transitar
Por isso não produzia
Vivia para seu lar
Era o homem maior
Vivia ele, afinal
Para o mundo desbravar

Tempo de patriarcado
Também de ortodoxia
À mulher não era dado
Sair pela cercania
Exibindo algum talento
Pois iria a julgamento
Quem não a condenaria?

[...]

⁵ Grupo composto por doze cordelistas, formado em Juazeiro do Norte, no ano 2000. Utilizando o gênero tradicional cordel, e conscientes das inevitáveis – e por que não necessárias – transformações, inovam tanto em questões formais quanto ideológicas. No que diz respeito à questão formal, o mote é a intertextualidade e o hibridismo entre a linguagem popular e a erudita. Já no que tange ao conteúdo, o objetivo do grupo é desconstruir as visões discriminadoras, com a perspectiva sobre as mulheres e sobre os negros imbuídas em grande parte da literatura de cordel (LUCENA, 2010, p. 103).

Sem ter a cidadania
Vivendo vida privada
Pouco ou nada entendia
Não era emancipada
Só na cultura oral
Na forma original
Se via ela entrosada

[...]

E durante muitos anos
Assim a coisa se deu
Em muitos cordéis tiranos
A mulher emudeceu
O homem falava dela
Mas não falava com ela
Nem ela lhe respondeu

[...]

Mesmo assim elas versejam
E muito bem por sinal
Algumas até desejam
Ir para uma bienal
Mostrar a nossa cultura
A nossa literatura
Etcetera e coisa e tal

Versos de todos os matizes
De toda forma e cor
Algumas são infelizes
Reproduzindo o horror
Do machismo autoritário
Consumismo perdulário
Que tanto as dominou

Mas são as contradições
Presentes neste sistema
Onde mulheres padrões
Vivem também nos esquemas
Eu só quero é celebrar
Da mulher o versejar
Longe dos velhos dilemas

No cordel apresentado, *“Mulher também faz cordel”*, vários elementos podem ser observados, e um dos que ressaltamos é o fato de Salete lembrar que mesmo que as mulheres tenham agora acesso mais fácil a publicação de seus versos, toda uma cultura machista ainda perpassa e permanece em nossa sociedade, de forma que essa cultura continua sendo reproduzida em discursos e nessa poética.

Nesse sentido, seu trabalho disponibilizado no blog Cordelirando⁶, volta-se para temáticas múltiplas, mas com ênfase nas questões de gênero, feminismo, direitos humanos e outros assuntos marginais e periféricos, justamente com o objetivo de desconstruir e trabalhar os preconceitos e opressões ainda tão arraigadas.

Como exemplos de cordéis educativos, trazemos então a autora Sandra Alvino, que com o folheto “*Bioma Caatinga*”, que canta acerca da fauna e da flora típica do Nordeste brasileiro, mas que devido ao “desenvolvimento”, desmata e coloca em risco de extinção toda uma biodiversidade.

Senhores peço licença,
Pra minha história contar
E mostrar pra toda gente
Um pedaço do Ceará
Que está sumindo do mapa
Isso é de assustar

[...]

A majestade em questão
É o Bioma Caatinga
Feminina e delicada
Brasileira e Nordestina
Maltratada e esquecida
Queimada e descolorida

[...]

A Caatinga é provedora
De oiticica e Cumaru.
Aroeira, Arapiraca,
Faveleiro, Surucucu,
Violete e Pinhão-bravo
Imburana e Umbu

[...]

Desmatamento, sujeira
Desrespeito com animal.
É tudo mazela moderna
Nesse mundo do capital
Levando toda humanidade
Pra UTI dum hospital

E lá chegando meu povo,
Só mudando a medicação.
Injetando a onda verde

⁶ <http://cordelirando.blogspot.com.br/>

Na rede de Educação.
Focar tudo no sustentável,
E abolir o tal patrão.
Reavivar nosso reino,
Reaver sua elegância.
Reempossar seu orgulho,
Voltar a ver sua bonança.
A Caatinga merece
O seu voto de confiança.

Em “*O Linguajar Cearense*”, Josenir Lacerda também exalta sua cultura, nesse cordel voltado para as questões de variações linguísticas, apresentando as diferentes maneiras que o cearense denomina casos, fatos, objetos e pessoas.

Neste cordel-dicionário
Eu pretendo registrar
O rico vocabulário
Da criação popular
No Ceará garimpei
Juntei tudo, compilei
Ao leitor quero ofertar

[...]

Artigo novo é zerado
Armadilha é arapuca
O doido é abirobado
Invencionice é infuca
O matuto é mucureba
Qualquer ferida é pereba
Mosquito grande é mutuca

[...]

Se é muito longe, arrenego
Que Deus do céu nos acuda
É pra lá da caixa prego
Lá nos calcanhar do juda
Nas bimboca ou cafundó
Nas brenha ou caixa bozó
Onde o vento a rota muda

[...]

Fazer goga é gaiofar
O que é longo é cumprissaio
Provocar é impinjar
Toda pilôra é desmaio
Salto ligeiro é pinote
Bando, turma é um magote

Cesto sem alça é balaio

[...]

Sarrabulho, panelada
Mucunzá e chambari
Tripa de porco, buchada
Baião de dois com piqui
Tem pão de milho e pirão
Carne de sol com feijão
Tijolo de buriti

Nessa última estrofe, percebemos outro elemento da cultura que se faz presente em vários versos de cordéis de autoria feminina: a culinária. Entretanto não somente na esfera da gastronomia, mas também de através da cura pela natureza, do conhecimento de afrodisíacos, de mandingas e superstições, as mulheres

Ao versar sobre plantas de poder que curam, sobre comidas e bebidas típicas como milho, tapioca, cuscuz, baião de dois, chás medicinais, licores, cachaça, mel, entre outros, as mulheres assumem uma missão pedagógica e didática: a de repassar, através dos folhetos, sabores, modos de saber e conhecimentos que orientam a culinária nordestina e se baseiam numa relação ancestral, respeitosa e saudável, de comunhão com a natureza. Trata-se de um saber ancestral que ela cuida em repassar através da linguagem ritmada e rimada dos versos e a contracorrente de toda uma industrialização proveniente do mundo globalizado. Na base dessa transmissão, mais uma vez, aparecem as mulheres como transmissoras da cultura (SANTOS, 2012, p. 27).

Trazemos então, o cordel *“Porque A Noiva Botou O Noivo Na Justiça”* da poeta e dramaturga paraibana Lourdes Ramalho, em que uma noiva rezou, fez promessas, sacrifícios e mandingas para encontrar um noivo, mas ao conseguir um marido, percebe-se arrependida pelo casamento.

Já que santo não valia
enfiei-me na macumba
Bebi cachaça em quizumba,
Botei fé na bruxaria!
E sem temer ingrisia
Caí na jurema-preta
Entreguei-me a Satanás,
Fiz pacto com Ferrabrás
Prometi sangue ao Pernetá!

Se seguirmos mostrando as autoras e as diversas temáticas que suas obras versam, as laudas não seriam suficientes. Enfatizamos então, que a lista de poesias e versos de autoria feminina a serem declamados, estudados, analisados, refletidos e inclusos em nossas vivências, práticas, experiências e memórias, é vasta, bem diferente de uma ideia difundida pela historiografia oficial, que pode ser hoje refutada, para uma reescrita da história em que se reconhece a voz, a letra e a existência das mulheres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar em memória é falar sobre recordar, esquecer, lembrar, pertencer, ou seja, é falar sobre um elemento que fornece as bases para nossa identidade, enquanto indivíduos e coletividade. Na Ciência da Informação, a discussão da memória vincula-se aos debates do seu objeto de estudo, a informação, relacionados a ela por meio de sua pragmática, em que ambas se interligam pela necessidade de serem construídas e apropriadas pelos seres humanos para a produção de sentidos (SILVA, 2014).

Justamente por sua possibilidade de operar e moldar a identidade, que a memória cultural, historicamente se estabeleceu enquanto um campo de disputa, em que setores hegemônicos moldaram e registraram, aquilo que devia ser lembrado e o que deveria ser legado ao esquecimento.

Como resultado, diversos grupos foram colocados à margem da história, e com eles colocados de lado às expressões e manifestações de sua cultura. Nesse processo de marginalização, as mulheres sofriam ainda mais essa exclusão, já que seu espaço por muitos séculos restringia-se ao doméstico, com os cuidados da família e do lar.

As consequências dessa exclusão levam a um esquecimento cultural, que Assmann (2011) denominou como sendo um “caso de amnésia estrutural”, e que reverberou no campo da poética das vozes, numa lacuna só quebrada muito recentemente.

No âmbito do folheto de cordel, aqui compreendido como uma poética da oralidade uma vez que reside em sua essência aspectos como ritmo, musicalidade e improvisação, se constituiu então como um espaço estritamente masculino.

Os registros aqui apresentados, bem como as fontes e pesquisas referenciadas, falam por si mesmos, e contribuem para o rompimento do silenciamento e exclusão que as mulheres foram submetidas ao longo dos discursos, da memória e da história oficial.

Nesse sentido, não tivemos como objetivo realizar análise de conteúdo, de discurso, de domínio, mas evidenciar as vozes dessas mulheres poetas há tanto tempo silenciadas.

Por meio da voz, da escrita, da Web, fazendo uso de diferentes temáticas, abordagens e projetos editoriais, as mulheres já detêm um reconhecimento por sua contribuição no campo do folheto. Entretanto, sabemos que ainda que é longo o caminho a percorrer em busca de mais vozes, em busca de constituir novos arquivos, e de fazer emergir novas memórias, de modo a reescrever a história.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. 2.ed. Campinas, SP: Mercado de Letras: 2006.
- ALVINO, Sandra. **Bioma caatinga**. [S.l.]: [s.n.], [2010].
- ARRAES, Jarid. **A menina que não queria ser princesa**. [S.l.]: [s.n.], [201-].
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2011.
- CARVALHO, Gilmar de. **Cultura e Memória**. São Paulo: Annablume, 1998.
- CANCLÍNI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres anarquivadas: histórias de uma história malcontada. **Gênero**, vol. 9, n.2, 2009.
- LACERDA, Josenir. **Linguajar cearense**, [S.l.]: [s.n.], [200-].
- LEMAIRE, Ria. Tradições que se refazem. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea** nº 35, janeiro/julho de 2010, p. 17-30. (Dossiê Poéticas da Oralidade).
- LUCENA, Bruna Paiva de. Nas brenhas da tradição: a cordelista maldita Salete Maria da Silva. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virginia Maria Vasconcelos. (Org.). **Deslocamentos de Gênero na Narrativa Brasileira Contemporânea**. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.
- LUCIENE, Maria. **Ano Nacional da Mulher: Memória e Luta**. [S.l.]: [s.n.], [200-].
- MATOS, Edilene. Literatura de Cordel: poética, corpo e voz. In: MENDES, Simone (Org.). **Cordel nas Gerais: oralidade, mídia e produção de sentido**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.
- PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RAMALHO, Lourdes. **Porque a noiva botou o noivo na justiça**, [S.l.]: [s.n.], [200-].

SAMPAIO, Débora Adriano. Reflexões sobre representação da informação memorialística: uma análise a partir dos aspectos da cultura. In: MOTA, Ana Roberta Sousa... [et al.]. (Org). **Versados em Ciência da Informação**. João Pessoa: Imprell, 2014.

SANTOS, Francisca Pereira dos. Poética das vozes e da memória. In.: MENDES, Simone. (Org.). **Cordel nas gerais**: oralidade, mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010. p. 43-63.

SANTOS, Francisca Pereira dos. **Águas da mesma onda**: a peleja poética epistolar entre a poetisa Bastinha e o poeta Patativa do Assaré. Fortaleza: Tipografia Iris, 2011.

SANTOS, Francisca Pereira dos. **Saberes e sabores no folheto de cordel de autoria feminina**. In.: Colóquio Internacional: Saberes e sabores da literatura latino-americana - CRLA Archivos/Universidade de Poitiers: França, 2012.

SILVA, Salete Maria da. **Mulher também faz cordel**, [S.l.]: [s.n.],2005.

Recebido em: 21 de abril de 2018 Aceito em: 09 de maio de 2018
